

OPINIÃO

Economia Brasil

EDITORIAL

A volta do “efeito manada”

O ministro da Fazenda Guido Mantega declarou que o Brasil está “preparado” para enfrentar as turbulências do mercado financeiro internacional insistindo em que as ansiedades devem “se acomodar”. O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, lembrou que a trajetória do mercado “não é linear” e repetiu a mesma mensagem de calma. Ambos fizeram questão de dizer que o motivo da atual resistência às crises externas se deve aos “fundamentos sólidos” da economia brasileira.

O presidente Lula seguiu a linha de difundir calma e, revestido da autoridade do cargo, garantiu que não haverá mudanças no câmbio ou na política fiscal. O presidente foi adiante e garantiu: “Enganam-se aqueles que pensam que vamos abrir mão da responsabilidade fiscal”. E concluiu que o País irá gastar “só o que temos, não inventaremos gastos, vamos cumprir nossos compromissos”.

A confirmação mais consistente dessas garantias foi o fato de que o emprego formal no primeiro quadrimestre registrou o melhor índice desde o início da série histórica iniciada em 1992. De janeiro a abril foram criados 569,5 mil postos

de trabalho, 2% a mais que no mesmo período de 2005. Apenas em abril, o resultado foi 0,87% melhor, na mesma comparação. Do conjunto de vagas abertas, 72,6 mil pertencem ao setor industrial, em geral empregos com salários melhores. O segmento de produtos alimentícios registrou alta de

A conjuntura favorável, com mais emprego e superávit assegurado, foi insuficiente para deter saída de capitais externos do Brasil

3,46% na geração de empregos entre março e abril.

Apesar de todos os sinais da crise no setor, a agroindústria liderou a abertura de postos, com 130,4 mil novas vagas. Os estados com melhor desempenho na oferta de trabalho agrícola foram São Paulo e Minas Gerais. O setor de construção civil, com todo o efeito multiplicador que tem na economia, criou 12,6 mil novos empregos, o melhor resultado para o setor para o mês de abril desde 1992.

Esta conjuntura favorável, no entanto, foi insuficiente para de-

ter a saída de capitais externos do mercado financeiro. Atraídos pelas perspectivas de alta nos juros nos EUA, os investidores retiraram R\$ 1,934 bilhão da Bovespa entre 11 e 20 de maio. Os dados da Bolsa mostram que o saldo dos investimentos em abril, positivo em R\$ 1,27 bilhão até o dia 10, passou a negativo — R\$ 907 milhões — até o dia 20. Nos primeiros vinte dias de maio, as compras de ações somaram R\$ 16,54 bilhões e as vendas R\$ 17,448 bilhões.

Essa saída de capitais tem razões externas. Um dos principais sinais analisados pelo investidor externo é a capacidade do País receptor de “fazer caixa” para honrar seus compromissos. Em abril, o governo brasileiro registrou um superávit primário de R\$ 14,856 bilhões em abril, frente ao superávit de R\$ 12,690 bilhões em abril de 2005.

É fato que o superávit alcançado no primeiro quadrimestre deste ano é inferior ao do ano passado. Em 2006, segundo os dados do Tesouro Nacional, o Brasil acumulou superávit de R\$ 29,6 bilhões, 4,66% do PIB, ante um superávit de R\$ 29,7 bilhões, 5,3% do PIB, no primeiro quadrimestre de 2005.

O relatório semestral *Perspectiva Econômica* da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), divulgado em Paris, diz que o Brasil reduziu “acentuadamente a vulnerabilidade externa”, reconhecendo que o País vive “recuperação econômica”. O relatório insiste em que o País deve reforçar seu compromisso com políticas econômicas “sólidas” para enfrentar as dificuldades relativas à eleição de outubro.

A OCDE alertou para os gastos públicos insistindo na necessidade das “reformas para lidar com o aumento dos gastos correntes”. O mais importante é a afirmação do organismo de que o balanço dos riscos para o Brasil continua “positivo”.

Apesar de todos os alertas sobre a solidez da economia brasileira, o investidor externo reage consoante sua natureza e obedece o “efeito manada”. O relatório da OCDE prevê que movimentos abruptos do mercado “não devem ser a regra no processo de ajuste da alta dos juros nos EUA”. Portanto, não deve errar quem prevê para breve a volta desses investimentos.